

Manuel da Fonseca

À LAREIRA, NOS FUNDOS DA CASA
ONDE O RETORTA TEM O CAFÉ

Ed. Editorial Caminho
Col. Obra Completa de Manuel da Fonseca

CONVERSAS

COM A

Escrita

Esta sessão de “Conversas com a Escrita”
é uma proposta da
Câmara Municipal do Seixal
e da Editorial Caminho,
para que possa ouvir
e conversar sobre a obra do escritor
Manuel da Fonseca.

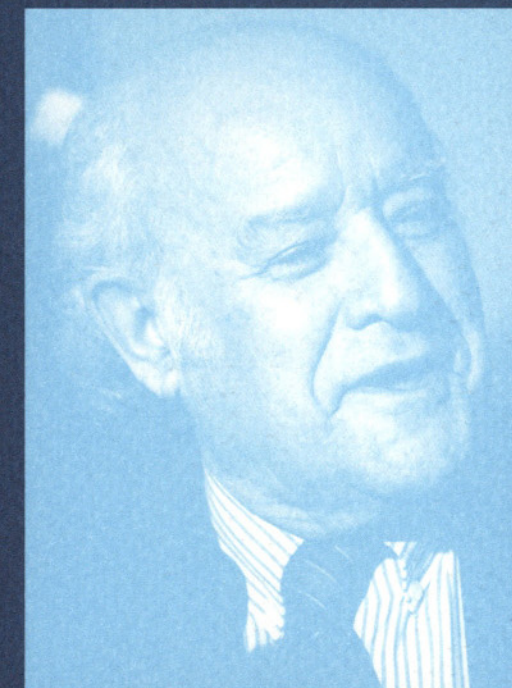
Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
Quinta dos Franceses
2840-499 Seixal
Tel: 212 226 411/2
Fax: 212 226 419

PRÓXIMAS SESSÕES:

JORGE ARAÚJO - 27 de Janeiro
MÁRIO DE CARVALHO - 3 de Fevereiro
MIA COUTO - Fevereiro (dia a anunciar)

CONVERSAS
COM A
Escrita

Manuel da Fonseca



Apresentação da obra
À LAREIRA, NOS FUNDOS DA CASA
ONDE O RETORTA TEM O CAFÉ

13 de Janeiro de 2001
16.00h

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
EDITORIAL CAMINHO

«(...) Já aceso
o cigarro, tornou
ao senhor Martim

Lourenço da Portela:

«Segundo na vila ainda dizem sujeitos com certa maneira de pensar e bens próprios, ou vice-versa, isto é, sem qualquer maneira de pensar mais do que nos próprios bens, o senhor Martim Lourenço da Portela era um génio. Não sei o que é um génio. Mas se ser génio é ser o que o senhor Martim Lourenço da Portela era, então dou por sabido que génio é um fulano que, quando fala, ninguém o entende e quando está calado facilmente se percebe (...).

«Agora, ouçam-no. Uma tarde, entra ele no estabelecimento do senhor João António de Barros, que já lá está, saúda-nos com donairoso sorriso, e indaga, muito delicadamente: “Acaso o senhor João António de Barros, nesta sua bem provida e honrada loja, tem, para venda, aquele delicioso néctar, nado e pisado em rincão de onde houve nome a mais bela pátria que a luz do luar e as ondas do mar viram ainda?” Atordoados, o senhor João António de Barros agarrou-se ao balcão, e deu uma olhadela furtiva pelas prateleiras, como quem pede socorro. Por fim gaguejou: “Não. Neste momento, não. Encomendarei ao primeiro caixeiro-viajante que passe. Que nome disse?”

«Mas o senhor Martim Lourenço da Portela mirou-o com severidade. Voltou-se, e saiu, rosnando: “Que gente mais inculta!...” Atravessou a rua e entrou na loja do Pinta. Interessado em saber de que se tratava, fui ver. Entretanto, o senhor Martim Lourenço da Portela tinha caído em plena mudez. Solene e imperioso, apontava para uma fila de garrafas de vinho do Porto. E, aproveitando o facto de ter o indicador bem separado dos outros dedos, ergueu-o ao alto quase a tocar na cara do Pinta que, apressado, enrolou em meia folha de jornal uma garrafa. Feito o troco à nota, o senhor Martim Lourenço da Portela saiu a olhar com desprezo para o estabelecimento do ainda estarecido senhor João António de Barros. Digam-me, repito, é ou não verdade que só se entendia quando não falava?»



Nota Biográfica

Manuel da Fonseca, uma das vozes mais representativas da literatura neo-realista portuguesa, nasceu a 15 de Outubro de 1911 em Santiago do Cacém. Muito jovem veio para Lisboa onde fez os estudos secundários e, como ele retrospectivamente a si se refere, frequenta, por praças, avenidas, becos, miradoiros, a própria cidade. (...) A vida nocturna atrai-o. Ao mesmo tempo faz desporto (...). Toureia. Ganha um campeonato de boxe. Joga espada, florete. Enfim um outro olhar pela cidade. Cidade agora adolescente, fascinante, com a mulher em todos os caminhos do homem. Entra para a Escola de Belas-Artes. (...) Discussões sobre belas-artistas, literatura, política, sucedem-se. Todos os assuntos fazem parte de um todo que procuram desvendar. É nesses anos de juventude, de boémia e tertúlias que se forja a sua amizade com representativas figuras do panorama cultural português e muito particularmente com os mais significativos nomes do movimento neo-realista. As afinidades estéticas e políticas com o neo-realismo e a resistência à ditadura (pois o neo-realismo era um movimento artístico claramente comprometido com a dinâmica social) irão ser determinantes na vida e na obra de Manuel da Fonseca e no seu desejo de aspirar a fazer qualquer coisa de louco e heróico.

A partir de 1936 Manuel da Fonseca colabora em prestigiadas revistas literárias (O Diabo, Pensamento, Vértice, Sol Nascente,

Seara Nova) e participa em diversas iniciativas cívicas e culturais, muitas das quais a custo consentidas pela Ditadura, e até as não consentidas, como as políticas, quer em reuniões partidárias e edições clandestinas, quer nas grandes campanhas e movimentos de oposição ao salazarismo. O investimento continuado numa carreira profissional específica e disso fazer um objectivo de vida bem definido afigura-se ter sido algo relativamente lateral na vida de Manuel da Fonseca. Trabalhou num laboratório farmacêutico, na redacção de revistas médicas, numa empresa industrial e numa de artigos de escritório, nas redacções do Diário de Lisboa e de A Capital e em várias agências de publicidade. Sobre ele, o seu amigo Baptista-Bastos sintetiza: *Manuel da Fonseca nunca se tomou muito a sério. O que sempre tomou muito a sério, isso sim, foi a vida, foi a literatura. No seu entender, uma iluminava a outra. Homem de olho miúdo e palavra pausada, porém voraz, esgotou a lotação do seu inferno com meia dúzia de inimigos, não mais - porque era um homem amado, respeitado e querido.*

Manuel da Fonseca inicia a edição da sua obra com a publicação dos livros de poemas *Rosa dos Ventos* (1940) e *Planície* (1941), este último editado na colecção de poemas *Novo Cancioneiro*, uma colectânea emblemática onde pontuavam também os nomes de Fernando Namora, Mário Dionísio, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Carlos de Oliveira e Sidónio Muralha. A obra de Manuel da Fonseca prossegue com os contos reunidos em *Aldeia Nova* (1942) e o romance

Cerromaior (1943), obra que Luís Filipe Rocha irá, mais tarde, adaptar ao cinema. Após este intenso período de edição surgem, oito anos depois, os contos de *O Fogo e as Cinzas* (1951) e, depois, *Seara de Vento*, um romance logo apreendido pela PIDE (e que, já depois do 25 de Abril, será transposto para os palcos), e *Poemas Completos*, ambos de 1958. Segue-se um período em que não obstante Manuel da Fonseca ir produzindo vários poemas e crónicas, editadas no jornal *A Capital* e que, futuramente, irão ser reunidas em *Crónicas Algarvias* (1986), só volta a publicar um livro em 1968, ano em que dá à estampa *Um Anjo no Trapézio*. Entretanto, em 1965, foi preso na sequência da atribuição do Grande Prémio da Novelística a *Luuanda*, de Luandino Vieira. Eram os tempos em que se podia ser encarcerado tão-somente pelo delito de fazer parte de um júri literário. Entre 1969 e 1971, Manuel da Fonseca publica alguns contos no *Diário Popular*, contos esses que agora se apresentam reunidos em *À Lareira, nos Fundos da Casa onde o Retorta Tem o Café* (2000). Em 1973, surge um novo livro de contos, *Tempo de Solidão* e, em 1984, selecciona e prefacia a *Antologia de Fialho de Almeida*, autor que admirava e, quem sabe, se identificava, pois considerava-o (...) *a voz das mais altas e poderosas deste país. Voz profunda, vinda do âmago dos seres e das coisas, ora vibrátil, lírica no cantar da beleza, ora objectiva, viril, a narrar os dramas, as derrotas, os sonhos dos homens.* E nesta descrição não detectamos os próprios traços da voz que conhecemos e caracterizam Manuel da Fonseca?

Não pode deixar de impressionar os leitores o contraste entre a intensa actividade criativa do início da carreira literária de Manuel da Fonseca e a parca produtividade das últimas décadas da vida do autor. Várias são as explicações apontadas: uma, é que a criação é uma coisa e viver a vida é outra e desta Manuel da Fonseca não abdicou; outra terá sido um duradouro desânimo que, como ele mesmo refere, terá originado como que um desencanto, um desvanecimento do interesse pela literatura; outra ainda a sua insatisfação e exigência que o levavam a rasgar muitas páginas e, por exemplo, a não concretizar nunca *Os Imperadores do Chile*, livro que projectava escrever desde 1951. Mas, e citamos Rodrigues da Silva, o grande livro - que de Manuel da Fonseca nunca leremos - é o que ele nunca poderia ter escrito. Porque o disse, falado, nas mil e uma conversas à mesa de tascas e cafés, no deambular pelas ruas, de cidades e vilas, nessa

boémia de corpo e espírito, enfim, que - com a visão anarquista e revoltada que teve do seu Alentejo natal e a experiência de não sei quantos empregos paralelos à escrita - foi como sangue que lhe corresse nas veias. Ora desta literatura efêmera de Manuel da Fonseca, criada sob o signo da oralidade e que apenas perdura na memória de alguns quantos que tiveram o privilégio de o ouvir e o podem recordar, *À Lareira, nos Fundos da Casa onde o Retorta Tem o Café*, pode, de alguma forma, disso dar testemunho, sendo um conjunto de pequenos contos que recriam o ambiente privado e coloquial de um grupo de amigos e das histórias que vão desfiando, entre uma bica e um bagaço no aconchego do Café do Retorta.

Sobre esta obra nada melhor do que as palavras de um outro escritor e amigo, Urbano Tavares Rodrigues, que em nome da amizade, a amizade que Manuel da Fonseca sabia cultivar como poucos, amavelmente acedeu em aceitar o convite para estar connosco nesta sessão de *Conversas com a Escrita* e apresentar estes contos que Manuel da Fonseca nos deixou, e para os quais escreveu o prefácio:

À Lareira, nos Fundos da Casa onde o Retorta Tem o Café é como uma colcha bordada pacientemente com figurinhas provincianas vindas da memória do Alentejo profundo, dos clubes e das sociedades recreativas, dos largos pasmados, dos vastos campos onde os chaparros sinalizam a beleza de cada hora, desde o arrebol à calma do crepúsculo. Por vezes são pequenos contos que poderiam desenvolver-se em romances, uma traição amorosa, um suicídio; outras vezes são casos cigarrados junto do fogo ameno ou até breves anedotas com o sabor malicioso da sabedoria popular e do gosto de maldizer. «Um mundo vivo de gente já morta.» Surgem contadores solertes como o Álvaro Montes, uma espécie de olhos e ouvidos da povoação, que ali desenterra amores cansados, mais além ódios de estimação (...). Os ricos e os pobres aqui convivem, se opõem, se invejam, se igualam de quando em quando. De todas as personagens, a mais interessante é talvez a morte, erguendo-se em muitos dos contarelos populares que afloram à pena de Manuel da Fonseca, com a naturalidade e a graça de um romancelheiro(...).”

Bibliografia do Autor

ROSA DOS VENTOS (poemas)
Lisboa: 1940

PLANÍCIE (poemas)
Coimbra: 1941

ALDEIA NOVA (contos)
Lisboa: 1942

CERROMAIOR (romance)
Lisboa: 1943

O FOGO E AS CINZAS (contos)
Lisboa: 1951

SEARA DE VENTO (romance)
Lisboa: 1958

POEMAS COMPLETOS (Poemas)
Lisboa: 1958

UM ANJO NO TRAPÉZIO (contos)
Lisboa: 1968

TEMPO DE SOLIDÃO (contos)
Lisboa: 1973

ANTOLOGIA DE FIALHO DE ALMEIDA (org. e pref.)
Cuba: 1984

CRÓNICAS ALGARVIAS (crónicas)
Lisboa: 1986

À LAREIRA, NOS FUNDOS DA CASA ONDE O RETORTA TEM O CAFÉ (contos)
Lisboa: 2000

Parte da obra de Manuel da Fonseca encontra-se publicada em inglês, alemão, italiano, polaco, castelhano, russo e búlgaro.